

METAMORFOSES RELIGIOSAS NO CENTRO ANTIGO DE SÃO PAULO: VARIAÇÕES SOBRE A PAISAGEM E O ESPAÇO

João Décio Passos & Silas Guerriero
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Brasil

Resumo. O território metropolitano na atualidade configura-se como espaço dessacralizado, sendo a metrópole o modo de ocupação moderna do espaço: racionalização do espaço, do tempo e das funções. Na metrópole as gêneses, as dinâmicas e relações do sagrado e o profano adquirem propriedades bem específicas em termos de espaço e tempo, distinguindo-se da velha e nítida distinção/oposição destes pólos. Os grupos religiosos constroem locais próprios na territorialidade metropolitana.

O objetivo da pesquisa foi revisitar a paisagem e o espaço religiosos do centro antigo de São Paulo, buscando elucidar suas configurações atuais dentro da grande paisagem metropolitana e sua dinâmica de espacialização através das expressões religiosas.

A paisagem religiosa foi sendo construída ao longo da história com funções bem específicas a cada época. Qual a relação atual entre a paisagem religiosa com a paisagem profana?

Palavras-chave: espaço urbano, sagrado e profano, São Paulo, paisagens religiosas.

Abstract. In our days, the metropolitan territory configures as an unsacred space and the metropolis assumes the model of the modern occupation of territory: rationalization of the space, the time and the functions. In the metropolis the origins, the dynamics and relationships between sacred and profane acquire specific space and time qualities, contrasting the old opposition between both of these terms. The religious groups build own places in the metropolitan territoriality.

The aim of the research was to revisit the religious landscape and the religious space of the ancient downtown of São Paulo city. It searches to explain the current configurations inside the metropolitan scenery and also it seeks to elucidate the dynamics specialization through the religious expressions.

The religious landscape was been build in each age with specific functions. At this moment, which is the relationship between the religious landscape and the profane landscape?

Keywords: urban territory, sacred and profane, São Paulo city, religious landscape.

Este estudo tem como objeto as dinâmicas religiosas no centro velho de São Paulo. Partimos da seguinte problemática: o centro guarda os resíduos de uma época em que a religião estruturava o espaço numa espécie de *axis mundi* em termos eliadianos; estes resíduos estão presentes no traçado urbano do velho centro, na paisagem e no espaço, na medida em que mantêm suas funções, com um alto índice de procura. Há aqueles fiéis que preferem buscar os serviços religiosos no centro, apesar de morar na distante periferia. Por outro lado esta área é centro da metrópole secularizada, expandida pela lógica do valor imobiliário de forma a compor outros centros dentro de seu vasto território.

Com o tempo, o centro se envelhece nas suas funções sociais, beira a decadência em muitos pontos e acolhe novos serviços religiosos que ocupam e compõem o espaço com suas ofertas, criando os *fixos* (lojas de produtos esotéricos, produtos afros) e seus *fluxos* (pastor pentecostal, mercado religioso informal). Qual a relação entre o centro e a religião? Além de ser uma região que conserva um “sagrado envelhecido” e acolhe as novas expressões, seria um território portador de alguma carga simbólica? Como mapear e verificar esta multiplicidade de expressões? Antes, qual a relação entre religião e espaço na configuração espacial da grande metrópole?

Este trabalho procura revisitar a paisagem e o espaço religiosos do centro antigo de São Paulo, buscando elucidar suas configurações atuais dentro da grande paisagem metropolitana e sua dinâmica de espacialização através das expressões religiosas. Apresentamos aqui alguns dados empíricos e teóricos da pesquisa, ainda que concluída apenas em sua primeira fase. Os dados empíricos referem-se ao mapeamento dos equipamentos religiosos encontrados na área central da cidade. O referencial teórico, por sua vez, parte da percepção do território metropolitano configurado como um espaço dessacralizado, sendo a metrópole o modo de ocupação moderna do espaço: racionalização do espaço, do tempo e das funções. Na metrópole as gêneses, as dinâmicas e relações do sagrado e o profano adquirem propriedades bem específicas em termos de espaço e tempo, distinguindo-se da velha e nítida distinção/oposição destes pólos. Os grupos religiosos constroem locais próprios na territorialidade metropolitana. Nesse sentido, procuramos compreender as continuidades e discontinuidades da paisagem e espaço religiosos do centro antigo de São Paulo.

A relação religião e espaço dentro do território metropolitano

A metrópole é o lugar de transformação da paisagem e do espaço, da noção de localidade – construída no contexto rural – para a noção de conjunto de localidades, “pedaços” dentro do grande território. A religião passa de ponto fixo central e estruturador do espaço para pontos agregadores dos pedaços e fluxos que acompanham de modo desterritorializado o movimento físico e demográfico da metrópole. O centro seria uma grande mancha religiosa (Cf. Magnani, 1996, p. 40), conservando serviços religiosos nos seus fixos e nos seus fluxos.

O centro passa a ser uma mistura de tudo isto na sua paisagem e no seu espaço. Nas sociedades rurais, viver em uma determinada localidade é viver sob a proteção de um padroeiro que conduz a dinâmica da natureza e da história dos habitantes, de modo particular no ritmo do cotidiano. Os santos regem a organização do espaço local. Entretanto, os grandes deslocamentos para o espaço de além na busca do santo forte de um Santuário abrem o local para o global, a rotina diária para o evento extraordinário. As geografias rurais estão, deste modo, ligadas inerentemente às dinâmicas religiosas, de forma que poderíamos falar em uma geografia explicitamente religiosa. As geografias urbanas recolocam esta relação, ao superar gradativamente a noção de ponto fixo – *axis mundi* – dentro dos processos modernos de ocupação do espaço, quando a preponderância direta do fator econômico rege o esquadrinhamento do espaço, constituindo paisagens sempre mais dessacralizadas, ou recolocando o sagrado sobre novas dinâmicas em seu aspecto paisagístico e espacial. Contudo, as cidades, das pequenas vilas às grandes metrópoles, mantêm suas geografias religiosas, seja no seu traçado original, resultado de temporalidades passadas, seja na construção de novas paisagens e espaços religiosos, marcados agora por uma pluralidade sempre maior, dentro da qual se inclui a religião. Por outro lado, as grandes cidades, ao que parece, guardam em seus traçados as possibilidades de sobrevivência de paisagens e espaços religiosos do passado, deixando aos múltiplos sujeitos religiosos a função de mantê-los ativos em sua estrutura e função. O centro antigo de São Paulo apresenta-se como um caso emblemático desta problemática de transformação da geografia religiosa, na medida em que concilia no mesmo traçado fundamental a paisagem mais arcaica da cidade, a pujante expansão da cidade industrial e a decadência da metrópole financeira ou da cidade mundial.

A consideração do espaço no estudo da religião

Com efeito, os estudos de religião, clássicos ou modernos, tenderam a esconder a dimensão espacial em suas abordagens, fundamentalmente por razões de método, embora com fortes conseqüências ideológicas para a compreensão das expressões religiosas exteriores ao mundo greco-latino. Seja pelo enfoque metafísico-teológico, ou pelo enfoque moderno, a dialética religião-espaço não tem sido suficientemente abordada nos estudos de religião como também nos estudos de geografia. As abordagens clássicas ou modernas ocultaram a dimensão geográfica, enquanto um fator performativo da expressão religiosa. A primeira com a idéia do Ser que, conjugada com a idéia judaico-cristã de Deus, afirmou-se como noção transcendente que prescinde tanto da geografia de origem, quanto das geografias aonde chegavam com os cristãos. A segunda pela predominância da centralidade da história no pensamento moderno, acabou prescindindo da geografia como um elemento importante para a compreensão da religião.

A relação entre espaço geográfico e religião foi explicitada metodologicamente nos estudos de etnologia e, mais recentemente, dentro da chamada geografia cultural. Os estudos etnológicos, ao buscarem uma compreensão do comportamento cultural do homem pré-histórico, construíram relações entre o espaço e a cultura/religião. Deste modo, as idéias sobre Deus ficam associadas a determinadas condições geográficas. Nesta direção, a obra clássica de Mircea Eliade, *Tratado de história das religiões*, classifica as religiões a partir da dimensão espacial e geográfica: céu, sol, lua, água, terra, pedras, vegetação (Eliade, 1977).

Trata-se, na verdade, de um campo de forças móvel que estabelece hegemonias, ora do espaço sobre a religião, ora da religião sobre o espaço. A hegemonia do espaço sobre a religião e vice versa está associada, primeiramente, a sua maior ou menor autonomia, ou seja, a sua capacidade de elaboração consciente de si mesma no sentido da fixação de doutrinas, de hierarquias e de ritos, mas também a sua capacidade de influenciar politicamente sobre o espaço, sobrepondo-se ou aliando-se ao poder político. Neste sentido, as religiões arcaicas recebem um influxo direto de suas geografias originárias, enquanto a cristandade medieval tem uma forte influência na estruturação do espaço e as geografias modernas retomam a preponderância dos espaços sobre as dinâmicas religiosas. O cristianismo é por natureza transcendente ao espaço, desde sua saída de Jerusalém para os confins do mundo.

O centro original de São Paulo foi constituído nesta dinâmica de hegemonia da religião sobre o espaço, sem qualquer relação direta com o lugar, dentro da geopolítica do padroado que identificava a expansão da coroa portuguesa com a sacralização dos espaços. As cidades são fundadas com este intuito de sacralização do espaço selvagem e profano. A nossa paisagem natural não é sagrada, uma vez que os mitos de origem foram mortos no processo civilizatório. Ao contrário, toda a relação da paisagem com a religião foi no sentido de negar sua condição de profana e sacralizá-la, para transformá-la em mundo habitável para a civilização cristã. As cruces, as capelas, as cidades dedicadas aos santos expressam esta postura de implantação de uma geografia nova e cristã.

Religião, paisagem e espaço

A relação sagrado e profano, que comanda a expansão colonial, se dá a partir da paisagem ou sobre ela. A paisagem é a matéria das formatações sagradas, seu elemento concreto e visível. Os lugares e coisas, naturais ou artificiais, se tornam transparências dos significados transcendentais da tradição cristã. Nesta perspectiva, qualquer transcendentalismo esconde em sua configuração antropomorfismos e geomorfismos localizados em algum tempo e espaço. “A paisagem, diz Milton Santos, é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério” (Santos, 1997, p. 65). Este conjunto heterogêneo, resultado do intercâmbio entre o ser humano e o meio ambiente, revela a interação especificamente religiosa, sendo a religião um fator determinante ou secundário da configuração geográfica.

Neste sentido, toda paisagem possui um componente religioso, uma vez que inclui em sua definição a ação cultural. A maior ou menor predominância do religioso na sua constituição vai depender de fatores específicos, quase sempre ligados à época de sua constituição original ou ainda à concepção que uma determinada religião tenha de si mesma e de sua relação com o mundo. O cristianismo colonial, por sua vez, tem pretensões explícitas de moldar no novo mundo a partir dos padrões culturais europeus, de redesenhá-lo dentro dos cânones estéticos da cristandade. Uma urbanidade cristã vai construir as paisagens colonizadas.

“O espaço, explica Milton Santos, resulta do casamento da sociedade com a paisagem” (Santos, 1997, p. 72). Ele se relaciona com a

paisagem de maneira coerente ou não. Paisagem e espaço são dois pólos dialéticos que se complementam ou se opõem em uma determinada geografia. O espaço do centro antigo não guarda nenhuma coerência com os resíduos da antiga paisagem da cidade ali subjacente. Os objetos e as ações religiosas participam da heterogeneidade temporal e espacial que demarcam no fundo e na forma os objetos e ações gerais e comuns da metrópole atual, misturando o sagrado e o profano e recriando suas relações.

As paisagens religiosas antigas possuíam uma relação de continuidade com a espacialidade religiosa. O espaço religioso era a expressão imediata e coerente da paisagem. Uma Igreja, situada no centro de uma pequena vila, de fato estruturava o espaço ao seu redor, na medida em que organizava a vida social da comunidade. Aquilo que os sentidos captavam da paisagem religiosa, permitiam, no caso, concluir a organização do espaço. Imaginemos a movimentação do espaço antigo em torno das paisagens pontuadas pelas igrejas e sedes das irmandades: os nascimentos, os casamentos, as festas, as procissões, as rezas com as ladainhas e os sepultamentos. A mudança social que ocorre na constituição da metrópole vai redesenhando a paisagem geral e nela se encaixando com seus novos serviços que se materializam em novas estruturas, formas e objetos. Não há mais unidade paisagística neste movimento permanente de espacialização, mesmo que uma certa unidade arcaica – no caso religiosa – permaneça residualmente viva.

As misturas temporais e espaciais nas grandes cidades

As grandes cidades, via de regra, formam-se a partir de pequenas cidades. O antigo vai sendo sobreposto pelo novo, podendo desaparecer por completo sua estrutura paisagística original na medida que novas dinâmicas espaciais se impõem. O que, por ventura, sobrar do antigo adapta-se dentro da dinâmica do novo, acolhendo suas demandas e refazendo suas funções. A geografia religiosa das metrópoles instaura uma diversidade vertical e horizontal em seus objetos e ações; uma lógica da pluralidade de tempos, de estilos e de funções religiosas que compõem a visibilidade da paisagem e as formações espaciais dentro de um mesmo território. Deste modo, a relação sagrado e profano adquire configurações próprias que transcendem qualquer delimitação, fixação e homogeneidade de sentido presentes em lugares, discursos ou símbolos.

a) Discrepâncias temporais entre a paisagem e o espaço

A paisagem religiosa – como toda paisagem – revela camadas temporais com distintas relações e performances espaciais operadas pelas manifestações sagradas. Esta heterogeneidade mostra a função espacial da religião, sua presença política no conjunto da sociedade em épocas passadas, mas também sua sobrevivência nos dias atuais. Deste modo, a paisagem sobrevivente guarda em sua dinâmica funções religiosas nem sempre condizentes ou contemporâneas a sua época originária. Em outros termos, paisagem e espaço não possuem contemporaneidade. A paisagem antiga abriga práticas religiosas atualizadas e refeitas, ou, do mesmo modo, paisagens modernas podem guardar práticas religiosas antigas.

Sendo o espaço religioso o resultado do encontro das sociedades religiosas com a paisagem, nos tempos modernos as misturas e discrepâncias temporais são uma dinâmica permanente das expressões religiosas urbanas nos seus fixos e fluxos. A paisagem antiga é freqüentada por várias formas de movimentos espaciais, noutras palavras, uma temporalidade secularizada atravessa a paisagem e o espaço religioso fixado na metrópole, chegando até mesmo a interferir em seus serviços ou ainda são capazes de recriar novos fixos e fluxos religiosos.

b) As discrepâncias territoriais entre a paisagem e o espaço

Nas grandes cidades a espacialidade religiosa possui uma dinâmica heterogênea que transgride os territórios definidos e também a unidade entre paisagem e espaço religiosos, como eram outrora, na velha São Paulo. As irmandades religiosas definiam cada qual seu pequeno território dentro do grande território civilizado-sagrado, de forma que no seu pedaço sagrado a vida social e religiosa dos irmãos tinha uma unidade existencial consistente – do nascer ao morrer – e um dinamismo de convivência social coesa. Uma espécie de *totem*, em termos durkheimianos. As irmandades são capazes de agregar socialmente, o grupo urbano em torno de regras específicas de vida. Para cada santo um grupo, para cada grupo um santo. Os negros também têm sua irmandade na Nossa Senhora dos homens pretos, inicialmente localidade num canto do velho traçado, mas depois será empurrada para fora, para as margens, do outro lado do vale do Anhangabaú. A noção de localidade, marca definida das sociedades rurais (Cf. Cândido, 1971), fica garantida dentro

das cidades que começam a crescer sob a índole do comércio, como no caso de São Paulo.

No centro metropolitano atual a construção do espaço religioso não obedece mais a territórios fixos definidos pela paisagem. Ocorre, tanto quanto do ponto de vista temporal, uma descontinuidade entre paisagem e espaço religioso. Os resíduos da velha paisagem não estruturam mais o espaço que adquire sua dinâmica própria, marcadamente profana. Ao contrário, os templos majestosos de outrora, tornaram-se minúsculos e pouco visíveis em meio aos prédios que foram ocupando o centro. Os sujeitos religiosos, por sua vez, misturam-se no meio da multidão com suas múltiplas ofertas, de forma que é possível observar encontros de paisagem católica com espacialidade pentecostal, com um pastor pregando de frente para a Igreja da Sé, ou de São Bento. Por outro lado, a paisagem profana fica muitas vezes pontuada por manifestações religiosas transitórias no meio do grande fluxo de transeuntes ou nas lojas que vendem produtos religiosos.

c) A relação entre os resíduos sagrados do espaço religioso e o grande espaço metropolitano

O espaço religioso é um sistema de objetos e ações religiosas dentro de um grande sistema de objetos e ações (Santos, 1998, p. 90) que configuram a metrópole, tecendo com ele uma relação dialética e, portanto, sem qualquer possibilidade de homogeneidade. O sagrado que um dia foi um ponto fixo que estruturou seu entorno existe misturado com o sistema de objetos e ações secularizadas. A relação é múltipla com o grande espaço: relação de oposição, na medida em que sobrevive como um sistema de objetos e ações de uma época passada, relação de paralelismo ou de interação. As irmandades guardam suas regras e estratégias, tal qual nos tempos da colônia, os monges do Mosteiro São Bento cantam em latim em cima de uma moderna estação de metrô. A paisagem e o espaço revelam o contraste. As ações correm muitas vezes paralelas à dinâmica predominante do centro, criando temporalidades e espacialidades paralelas. Os interiores dos templos escondem detalhes materiais inusitados e imprevisíveis na paisagem exterior, guardam uma unidade de significado e de ação como um micro sistema obscândito onde se encontra uma paisagem diferenciada, porém de natureza reveladora, ou seja, que visa mostrar-se a quem quiser vê-la. Fiéis, por sua vez, buscam silêncio em meio ao barulho dentro das Igrejas, buscam

serviços religiosos como aconselhamento e sacramentos. Podemos dizer que este micro sistema de objetos e ações, embora não sejam imediatamente visíveis, compõe a paisagem e o espaço religioso do centro antigo, mantendo o sagrado vivo dentro do sistema profano, como uma oposição a ele (Cf. Eliade, 1999). A interação ocorre com a criação de novos fluxos, ou novas funções, adaptando-se às demandas do espaço metropolitano. Criam-se ofertas para as pessoas que compõem o espaço do centro e que buscam exatamente os fixos e os velhos fluxos religiosos na direção cultural, ou turística, ou na direção de um serviço assistencial das igrejas.

Ocorre uma adaptação dos fixos e dos fluxos religiosos na mancha central. Novos fixos religiosos são estabelecidos nas fileiras do comércio, oferecendo objetos religiosos evangélicos e esotéricos. Estes respondem aos novos fluxos religiosos que transitam pelo centro, embora não se atenham diretamente a agremiações religiosas específicas. Há também uma adaptação dos objetos e das ações religiosas dentro da pluralidade metropolitana, um esforço de ressacralizar não o centro, mas as pessoas, dando, porém, um conteúdo religioso ao espaço central, como os pregadores pentecostais, que dentro dos fluxos espaciais oferecem seus bens salvíficos na seqüência das inúmeras ofertas que se dão no território. Compõem, deste modo, a polifonia discursiva do velho centro, como um elemento sem fixos na paisagem, móvel como o comércio informal que ocupa ruas e viadutos. O mesmo podemos dizer dos serviços oferecidos nos viadutos pelas bancas de jogos de búzios, pelas videntes que se confundem com o comércio informal no meio da multidão indefinida.

d) A relação entre os sujeitos religiosos e a objetividade metropolitana

A grande metrópole moderna, secularizada, precisa ser vista não somente em suas heterogeneidades, mas fundamentalmente como um conjunto composto por uma grande diversidade de práticas e de funções (Cf. Castells, 1975). O processo de secularização da sociedade brasileira, ao empreender um forte processo de empréstimos e rearticulação das idéias religiosas, muitas vezes apagando a nitidez das fronteiras entre as religiões, trouxe mudanças significativas nas paisagens e espaços religiosos das grandes cidades. Para Simmel (1976), os maiores problemas da vida moderna advêm da tentativa de preservação da autonomia do indivíduo em face das forças sociais e da herança histórica.

O desenvolvimento da cultura moderna é caracterizado pela preponderância do que Simmel chamou de “espírito objetivo” sobre o “espírito subjetivo”, fazendo com que a metrópole conduza ao impulso da existência mais individual (1976, p. 25).

Novas configurações entre os sujeitos religiosos e a metrópole surgem a partir desse quadro. Se por um lado há aqueles que lutam pela preservação de valores tradicionais em torno dos fixos e suas referências, há os indivíduos cada vez mais autônomos que constroem novos fluxos a partir de uma ótica cada vez mais objetiva da dinâmica imposta pela economia da metrópole. Num ritmo frenético, a religião passa a ser um objeto comerciável que, como qualquer outro produto do mercado, compõe a paisagem sem rostos das grandes cidades. Numa situação extrema teríamos, portanto, um amontoado de individualidades compondo um quadro caótico e fragmentado. Mas a metrópole traz surpresas que podem desmentir as previsões mais apressadas. Entre as continuidades e descontinuidades não há somente caos, mas muitas lógicas.

Paisagens e espaços religiosos misturam-se por entre paisagens e espaços seculares. O indivíduo ao mesmo tempo em que atua autonomamente também se esforça na tentativa de vivências subjetivas religiosas, sejam elas frutos de uma permanência das antigas tradições, sejam ressignificações e novas configurações do quadro simbólico religioso. Fixos e fluxos tradicionais se mantêm sem aparentes modificações ao mesmo tempo em que novos fluxos se constituem a partir desses mesmos fixos. Os sujeitos constroem, também, novos fixos que podem ou não atuar dentro da mais moderna lógica de mercado secular. A paisagem religiosa da grande cidade acaba, pois, sendo constituída pela relação entre o sujeito religioso e a lógica objetiva da metrópole.

A religião no centro de São Paulo

Para melhor visualizar esse processo, e a partir dos referenciais até aqui destacados, passamos agora para a tentativa de um olhar mais acurado sobre as práticas religiosas do centro antigo da cidade de São Paulo, com seus fixos e fluxos, com suas continuidades e descontinuidades. Trata-se de uma visão empírica, pois queremos “enxergar” a paisagem mais visível da religião na grande metrópole.

Nesse sentido, fez-se necessária uma delimitação territorial. Tendo em conta que esse recorte poderia causar prejuízos reducionistas, optamos por trabalhar apenas com a área geográfica do Distrito da Sé.¹ Esse recorte permitiu que trabalhássemos com os dados estatísticos sócio-econômicos fornecidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Assim, ganhamos a possibilidade de cruzamentos com tais dados, apesar de muitas vezes o recorte territorial não respeitar a dinâmica dos fluxos dos agentes envolvidos. Isso ficou mais evidenciado no caso do bairro da Liberdade, contíguo ao bairro da Sé, onde se concentra um número expressivo de imigrantes de origem oriental. O Distrito da Sé recorta o bairro da Liberdade, deixando de fora uma série de equipamentos religiosos significativos para essa parcela da população. Porém, acreditamos que tal fato não prejudica nossa amostra, pois nosso foco não são as religiões orientais da cidade de São Paulo, mas sim as práticas religiosas do centro da cidade, além do fato de que uma parte significativa de fixos orientais, budistas ou de outras religiões, está localizada na área do Distrito da Sé e, portanto, contemplada.

Dada a dinâmica altamente complexa de uma grande metrópole, sabemos que os dados aqui apresentados são retratos de um instante. Há, sem dúvida, aqueles fixos que por longa tradição não deverão ser excluídos da paisagem, mas há, fundamentalmente, os fluxos, estes sim, extremamente voláteis e passíveis de alterações profundas dados os ritmos empreendidos pela cidade. Ocorre ainda a presença de novos fixos religiosos, oferecendo mais objetos que propriamente serviços religiosos a consumidores religiosos autônomos. Por ora apresentamos um mapeamento das práticas religiosas do Distrito da Sé. Esse levantamento foi realizado entre os meses de abril e julho de 2003.² Numa segunda etapa da pesquisa, atualmente em curso, pretendemos levantar as características dessas práticas através da aplicação de questionários e entrevistas com os personagens então envolvidos.

A região do Distrito da Sé foi a precursora da urbanização na cidade, abrigando os primeiros equipamentos notadamente urbanos da cidade de São Paulo. Apesar da forte influência dos aspectos sagrados na composição espacial original da cidade – tais como o “marco zero” defronte à catedral da Sé e a disposição das demais igrejas católicas da região, formando uma espécie de cruz e delimitando o desenho das ruas adjacentes – o que caracteriza sua paisagem, hoje, são os grandes edifícios comerciais e financeiros como bancos, galerias, bolsa de valores etc.

Pelo Distrito da Sé circulam a cada dia milhares de pessoas, tendo ou não a região como objetivo primário, haja vista que muitos passam pelo centro como forma de transferência do meio de transporte através da viagem entre uma localidade e outra da metrópole. É bom ressaltar que, nesse último caso, muitos aproveitam para usufruir alguns serviços que a região oferece, entre eles o religioso.

Como qualquer centro de uma grande metrópole, o Distrito da Sé é caracterizado por uma baixa concentração populacional residente, mas recebe uma enorme população flutuante que para ali se desloca visando o trabalho ou em busca dos serviços oferecidos. Uma das questões levantadas pela pesquisa diz respeito exatamente a esse último quesito, que será possível de ser analisado após o levantamento de dados de sua segunda etapa. Ou seja, até que ponto os serviços religiosos do centro da cidade atraem sujeitos dos demais bairros? Nesse sentido, qual é a lógica que rege tais fluxos? Antes de levantarmos quaisquer hipóteses a esse respeito, faz-se necessária a apresentação de alguns dados sócio econômicos e do mapeamento religioso do Distrito da Sé.

O Distrito da Sé possui uma população, segundo o censo 2000 do IBGE, de apenas 20.115 habitantes. Essa população possui um perfil mais idoso do que o restante da cidade de São Paulo e do Brasil. São 27 % de jovens até 19 anos contra 43% no país como um todo e 64% de adultos entre 20 e 59 anos contra 48% respectivamente. Trata-se de uma população mais estável e com baixa mobilidade de moradia.

Conforme a tabela abaixo, podemos perceber que em termos da distribuição da afiliação religiosa também há alterações em relação à cidade de São Paulo e ao Brasil. O número de católicos é menor do que no restante da cidade e, por sua vez, bastante reduzido em relação ao país inteiro. Esse número aponta a tendência de diminuição da afirmação como católico que, de certa maneira, acompanha o processo de secularização e autonomia dos sujeitos. Uma vez livre das amarras de uma religião oficial, o indivíduo se vê livre para se auto-afirmar não católico ou até mesmo sem religião. Nesse caso, o número daqueles que se afirmam não pertencentes a qualquer religião é bastante superior ao número encontrado para todo o território brasileiro (11,6% e 7,4% respectivamente). Outro sinal do processo de secularização. Se levarmos em consideração o aspecto urbano e sua estreita vinculação à secularização, tais números não causam estranheza. Porém, o mais significativo é que mesmo em relação ao restante da cidade de São Paulo essa diferença se mostra significativa. Temos, portanto, uma marca forte de uma população modernizada, urbana e secular.

Tabela: Distribuição da População por Religião no Distrito da Sé, Cidade de São Paulo e Brasil (em porcentagem)

Religião	Brasil	Cidade de São Paulo	Distrito da Sé
Católica	73,6%	68,1%	65,5%
Evangélica	15,4%	15,9%	14,9%
Espírita	1,5%	2,7%	2,4%
Candomblé?Umbanda	0,3%	0,5%	0,4%
Rel.Orientais	0,2%	0,9%	3,1%
Sem Religião	7,4%	9,0%	11,6%
Outras	1,6%	2,9%	2,1%

Fonte: Censo 2000 IBGE

O número de adeptos do espiritismo acompanha a tendência encontrada na cidade de São Paulo como um todo. Trata-se de uma religião com forte influência das camadas médias escolarizadas. A grande diferença surge no quesito religiões orientais. Um dos setores mais ocupados por moradias do Distrito da Sé é justamente aquele que pertence ao bairro da Liberdade. Como já afirmado anteriormente, trata-se de um bairro que recebeu um forte contingente de imigrantes japoneses, chineses e, mais recentemente, coreanos. Como consequência, temos esse incremento no número de adeptos de religiões orientais, entre elas o budismo, o xintoísmo e, em menor escala, também o taoísmo e novas religiões japonesas. Esse fato traz acaba por marcar, indelevelmente, novos fluxos característicos.

Os equipamentos religiosos encontrados no Distrito da Sé foram classificados em duas categorias distintas a partir dos fluxos predominantes neles gerados. Denominamos por *serviços religiosos fins* aqueles que atendem diretamente os fiéis oferecendo qualquer tipo de bens religiosos. Nessa categoria entram, portanto, os templos religiosos propriamente ditos, mas também outras atividades de certa maneira relacionadas ao campo religioso, mas não necessariamente a religiões específicas, como a leitura de tarô em bancas nas calçadas. O espaço religioso daí decorrente é fortemente marcado pelos fluxos extremamente dinâmicos das buscas dos fiéis pelos mais diferentes tipos de serviços ofertados. A outra categoria que utilizamos, *serviços religiosos intermediários*, marca uma forte característica do Distrito da Sé que o distingue da maioria dos demais distritos da cidade. Trata-se de serviços declaradamente comerciais

que alimentam o funcionamento dos serviços fins de toda a cidade de São Paulo e também de outras cidades do Estado. São comércios de bens religiosos, especializados em cada denominação religiosa, que vendem desde livros, artigos religiosos, velas, imagens, cd's etc. até produtos denominados esotéricos como cristais, baralhos de tarô, imagens de duendes, incensos etc. Esses produtos podem ser vendidos diretamente aos fiéis, mas na maior parte das vezes as lojas abastecem os agentes religiosos que farão uso desses produtos para suas atividades fins. O centro da metrópole expõe, aqui, uma de suas vocações fundamentais: servir de entreposto comercial para as demais localidades, sendo os bens religiosos comercializados a partir da mesma lógica que qualquer outro produto mercantil. Esses novos fluxos, decorrentes sem dúvida de uma secularização avançada, compõem uma paisagem religiosa notadamente distinta.

As manchas religiosas do centro da cidade

Não há homogeneidade no território, nem tampouco no espaço religioso do centro de São Paulo. O Distrito da Sé apresenta visíveis manchas que marcam os diferentes fluxos praticados pelos agentes religiosos.

Iniciando pelos serviços fins podemos destacar, numa primeira camada (temporal) da paisagem, os templos católicos. Estes compõem os marcos fundamentais da cidade, tais como o seu mito fundador (Pátio do Colégio) e seu centro (*axis mundi*) na Sé, bem como estruturam, com os demais templos, o entorno do espaço. Se num primeiro momento esses templos demarcavam os limites da então cidade, ocupando os altos da colina, e impunham a geografia dos logradouros, hoje somem na paisagem. Além dos já citados (Catedral da Sé e Igreja de Anchieta, no Pátio do Colégio), existem oito outros templos católicos, dispostos de maneira homogênea em torno da Catedral da Sé e ocupando praticamente toda a região do distrito.

Por outro lado, as diferentes denominações evangélicas pentecostais somam 16 templos dispostos basicamente numa grande mancha na região sul do distrito, justamente onde se encontra o maior fluxo de transeuntes em busca dos serviços de transporte urbano. Os templos protestantes, orientais, centros espíritas e centros esotéricos somam nove equipamentos. Não há nenhum terreiro de umbanda ou de

candomblé, uma vez que estes se formaram, basicamente, nas regiões mais periféricas da cidade, para fora do centro.

Ainda no interior da categoria serviços religiosos fins podemos colocar as mais diversas manifestações individuais de pregadores da fé e de ambulantes vendendo serviços diretamente aos interessados. Há locais tradicionais em que encontramos os pregadores da palavra da Bíblia, como a praça da Sé. Defronte à sede da Igreja Católica, pastores se revezam, através de cronograma bastante organizado, na tentativa de arrebatamento de fiéis para suas igrejas e oferecendo um acolhimento espiritual para aqueles que ali param para descansar da correria da grande metrópole. Há outras localidades marcadas pela presença de bancas de jogos de búzios ou de tarô, como algumas praças e viadutos.

Os serviços religiosos intermediários, por sua vez, são marcados predominantemente pelos serviços evangélicos e pelos esotéricos. São poucos os comércios e lojas de bens católicos, de umbanda ou de outras religiões. Porém, encontramos na região do Distrito da Sé um total de 11 lojas de produtos místicos e esotéricos que abastecem, através de vendas por atacado, as lojas desses produtos existentes nas demais localidades da cidade e de todo o Estado. Formam basicamente duas manchas na região constituindo zonas de comércio especializado; uma a sudeste da praça da Sé e outra na região norte, onde os imóveis possuem menor valor.

Os evangélicos, por sua vez, formam a maior das manchas de serviços intermediários. São 74 pequenas lojas que vendem roupas, cd's, fitas, livros e, é claro, Bíblias. Estão concentradas basicamente em poucas ruas da região ao sul da Praça da Sé, sendo que a maioria dessas lojas se concentra em poucas galerias especializadas em apenas lojas do gênero. O forte do comércio está nos cd's e fitas de músicas evangélicas, sendo que em uma das galerias encontramos 5 gravadoras especializadas. Sem dúvida que estamos diante de uma nova configuração dos fluxos religiosos. A grande metrópole econômica incorpora no interior de sua lógica os bens religiosos que, por sua vez, atuam na composição de novos fluxos da paisagem religiosa.

Continuidades e discontinuidades entre fixos e fluxos religiosos

O centro é um lugar privilegiado de objetos e ações religiosas oferecidos através de múltiplos serviços, seja nos fixos tradicionais e

novos, seja pela presença de intensos fluxos populacionais, consumidores religiosos potenciais. As misturas das paisagens e dos espaços religiosos e seculares propiciam um jogo contínuo de continuidades e descontinuidades entre fixos e fluxos religiosos no centro antigo de São Paulo. Fixos tradicionais permanecem imprimindo o ritmo característico aos fluxos sem grandes transformações. Tal é o caso das atividades internas dos monges do Mosteiro de São Bento. Ao mesmo tempo, todos os finais de semana, centenas de turistas invadem suas dependências para presenciar uma solene missa adornada com canto gregoriano e com símbolos litúrgicos medievais. Tal roteiro já pode ser considerado parte dos pontos turísticos da grande cidade ou como uma opção na agenda cultural. Estes fixos tradicionais têm se adaptado a esta polisssemia que lhes foi atribuída pelas diversidades espaciais metropolitanas. De qualquer forma, guardam para muitos a referência de um ponto sagrado marcado por majestosa expressão estética e por uma oferta religiosa permanente que permite aos transeuntes romper com a rotina metropolitana. A presença de um número significativo de moradores da periferia que buscam estes serviços religiosos no faz pensar na sobrevivência da idéia arcaica de um centro sagrado estruturador do mundo.

Novos fixos, como galpões abandonados que se transformam em templos pentecostais, fazem parte da paisagem, agora, recebendo os fiéis para cultos específicos a cada dia da semana. Outros, como as lojas especializadas, impõem fluxos até então nunca imaginados de comércio de bens simbólicos religiosos.

Defronte ao maior templo católico da metrópole, grupos de pastores evangélicos se revezam na pregação, influenciando nos fluxos das pessoas que se dirigem às missas. Entre a igreja e o pastor é possível encontrar uma mãe de santo jogando búzios. São fluxos sem fixos definidos, que configuram o espaço através de uma dinâmica própria. Nem por isso podemos dizer que o local não interfere, pois é no território da praça que sua ação faz e ganha sentido. A lógica da oposição que define a postura dos grupos pentecostais parecem denunciar a subsistência da idéia de uma centralidade sagrada (anti-sagrada) onde se deve exatamente pregar a verdadeira mensagem.

O centro da grande metrópole guarda, até hoje, resíduos tradicionais do tempo de um *axis mundi* estruturador do espaço e do tempo. Não apenas na paisagem, como também no uso desse espaço, os valores

de então buscam uma permanência e continuidade em meio a um turbilhão de rupturas e descontinuidades que o ritmo urbano secular impõe. O edifício mais alto há muito deixou de ser a torre da igreja, bem como os edifícios religiosos quase passam despercebidos na paisagem. Porém, para muitos dos agentes envolvidos, o centro permanece com seus referenciais sagrados configurando uma orientação espacial significativa, nem que seja como referência a um comércio de bens religiosos que serão comercializados em locais distantes pelo país afora.

A religião, presente nestas múltiplas dinâmicas no centro antigo de São Paulo, apresenta-se como um componente da vida metropolitana: memória de uma temporalidade passada em que sagrado demarcava a paisagem e o espaço, emergência pontual no movimento dos seculares comuns que agitam atropeladamente a região. A alta concentração de serviços religiosos mantém o centro antigo na condição de um lugar conservador e revisor das mentalidades e práticas religiosas metropolitanas, donde se pode romper com a anomia do tempo e do espaço metropolitanos. Tal vitalidade tem mantido a região central viva em sua paisagem e espaço religiosos, não obstante sua anunciada decadência política e social e o conseqüente esforço de revitalização. No pequeno fragmento pode-se encontrar sentido para a totalidade do território e da vida na grande cidade.

Referências bibliográficas

- CÂNDIDO, Antonio (1971) *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades.
- CASTELLS, Manuel (1975) *La question urbaine*. Paris: François Maspero Editeur.
- ELIADE, Mircea (1977) *Tratado de história das religiões*. Lisboa: Edições Cosmos.
- . (1999). *O sagrado e o profano*. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes.
- MAGNANI, J. G. C. & TORRES, L. de Lucca (1996) *Na metrópole*; textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp.
- SANTOS, Milton (1997) *Metamorfozes do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec.
- . (1998). *Técnica, espaço, tempo*. São Paulo: Hucitec.
- SIMMEL, Georg (1976). A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O.G. (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.